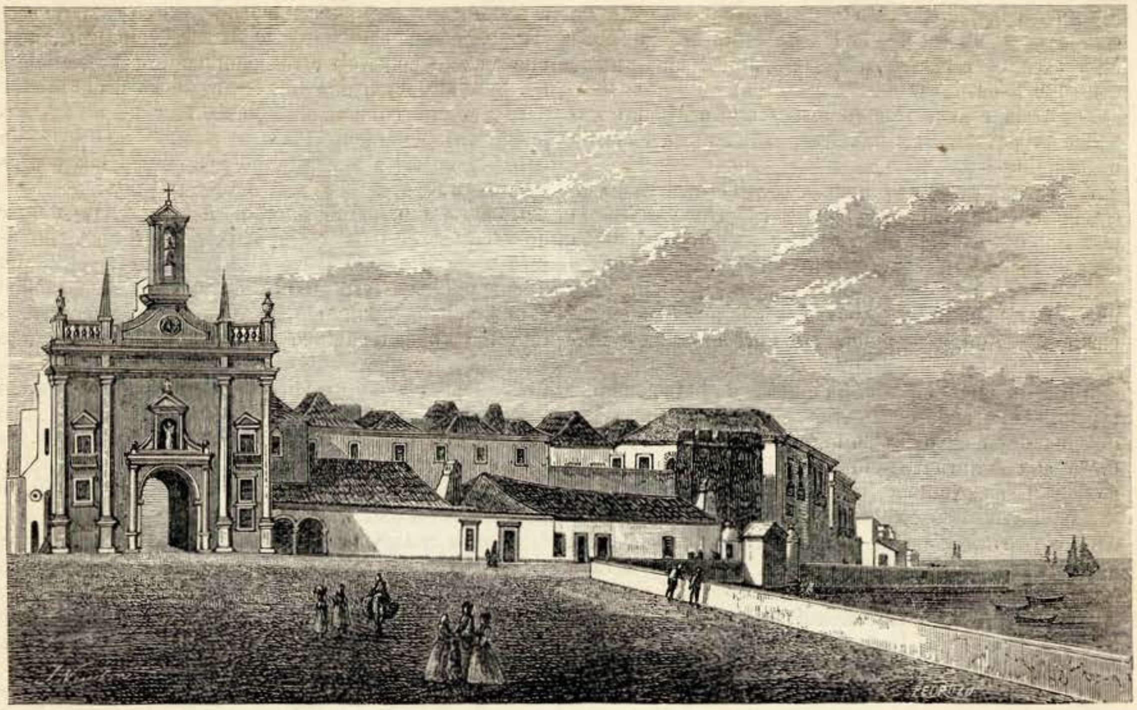


Praça, arco da villa, e antigo edificio do governo civil, sobre os fundamentos do velho castello de Faro

I

Epocha de florescencia para a egreja lusitana póde reputar-se a do reinado da sr.ª D. Maria I; regeram durante elle as dioceses do reino prelados insignissimos por letras e virtudes, dignos successores dos Bartholomeus dos Martyres, Jeronymos Osorios e Rodrigos da Cunha.

Memoraveis em nossos fastos ecclesiasticos são os nomes de D. Fr. Caetano Brandão, de D. Francisco de Lemos, de D. Fr. Manuel do Cenaculo, de D. Manuel de Aguiar e de D. Francisco Gomes de Avelar [1].

Não podem, em verdade, pronunciar-se estes nomes sem que suscitem as mais gratas recordações.

Caetano Brandão faz-nos transportar ás longinquas plagas da America, acompanhando-o em suas visitas pastoraes aos logares mais embrenhados no fundo sertão do Grã-Pará [2]. Edifica-nos o zelo ardente com que, através de gravissimos riscos, promove a civilisação dos indios. Commove-nos o carinhoso agasalho com que acolhe os meninos, fundando no Pará e em Braga seminarios em que se eduquem. Prende-nos de todo o coração ao venerando prelado a amavel candura que resplandece em seus escriptos [3].

Em Francisco de Lemos contemplâmos o sabio reformador-reitor da universidade de Coimbra, o collaborador de seus estatutos novissimos, e o restaurador do seminario episcopal, em que floresceram as sciencias ecclesiasticas pela discreta escolha que fez dos professores, e pelas generosas recompensas com que os gratificou [4].

Cenaculo ainda nos está apontando o rasto luminoso que deixára após sua longa vida, na publicação

[1] *Ensaio sobre a historia do governo de Portugal*, etc., por M. A. Coelho da Rocha, artigo IX.
[2] *Jornal de Coimbra*, n.º 17.
[3] Idem, n.os 17, 18, 19, 20, 21, etc.
[4] *Ensaio sobre a historia litteraria de Portugal*, etc., por F. F. de Carvalho, pag. 210.

de obras importantes, na fundação de museus e bibliothecas, no solicito empenho com que promoveu a illustração e morigeração do clero [1].

Manuel de Aguiar representa-se-nos um perfeito modelo de caridade, comparavel aos pastores da egreja primitiva. Despoja-se de tudo quanto possue, a fim de soccorrer os seus diocesanos, feridos por todas as calamidades da guerra; e procura remediar a insalubridade dos templos, e impedir a continuação dos enterramentos em seus recintos, mandando sepultar-se no cemiterio commum, que erigíra á sua custa [2].

Francisco Gomes, reflectindo as virtudes d'estes varões prestantes, estrema-se ainda por outros dotes singulares. Logrou melhorar a condição physica e moral dos algarvios por uma serie de providencias esclarecidas, que tornaram seu nome eternamente saudoso entre elles.

Recordam-nos estas providencias os tempos em que o clero arroteava nossos matagaes, plantava nossas vinhas, enriquecia o nosso torrão de arvores estrangeiras, e era com a palavra e com o exemplo o mais efficaz promovedor de nossos melhoramentos agricolas [3].

II

Antes de assumpto á cadeira episcopal do Algarve, viajára D. Francisco Gomes pelos estados de Italia, residindo algum tempo em Roma [4].

Da capital do mundo catholico trouxera o gosto pelas bellas artes, e d'aquelles estados o amor á agricultura, que n'elles víra florescente.

Não é, por isso, maravilha que na sua diocese lhe

[1] *Ensaio sobre a historia litteraria de Portugal*, etc., por. F. F. de Carvalho, pag. 227.
[2] *Oração funebre que nas solemnes exequias do excellentissimo senhor D. Manuel de Aguiar, bispo de Leiria, recitava fr. Fortunato de S. Boaventura.*
[3] *Os frades, ou reflexões philosophicas sobre as corporações regulares*, por José Agostinho de Macedo. — *Historia chronologica e critica da real abbadia de Alcobaça*, por fr. Fortunato de S. Boaventura, cap. III.
[4] *O Panorama*, vol. I, serie II, pag. 269.

merecesse tanto desvelo o culto divino e o melhoramento de costumes, como as commodidades publicas e o adiantamento da agricultura.

Nunca desperdiçou ensejo de aconselhar á gente do campo os melhores methodos de cultura; e tornava bem acceites estes conselhos a natural affabilidade com que lh'os dava.

Foi á efficacia d'estes conselhos que o Algarve deveu a propagação das oliveiras, indicando a enxertia do azambujeiro.

É porventura o figo o mais consideravel ramo de commercio d'aquella provincia [1], e á conta de tamanha importancia julgou o illustre prelado mui digna de exame a sua preparação. Reconheceu-lhe inconvenientes que, desacreditando o genero, podiam damnar tão proficua industria; resolveu-se a publicar uma pastoral, em que recommendou os processos mais adequados para esta preparação.

Nulla ou quasi nulla era a cultura da batata, planta preciosa, que póde considerar-se o mais util presente que o mundo novo fez ao mundo antigo; para diffundir a sua cultura redigiu uma circular, em que demonstrou suas vantagens.

Nas suas visitas pastoraes não attendia sómente ás egrejas que careciam de reparo; olhava tambem pelas necessidades materiaes dos povos, ás quaes dava o remedio que podia.

Por sua diligencia se construiram as formosas e utilissimas pontes de Ludo, Marim, Cacella, Marxil [2]. Ao seu cuidado se deveu tambem a construcção da calçada sobre o sapal que conduz á barra de Portimão, e a de muitas outras estradas, para as quaes deu o desenho, mandando-o gravar, e distribuir pelos encarregados das obras.

Assevera o auctor da *Chorographia do reino do Algarve* que rara será n'elle a obra publica de algum vulto que, ou pela fabrica, ou pela reparação, não recorde o nome de Francisco Gomes [3].

Sairiamos dos limites que nos prescrevemos se commemorassemos as egrejas, os estabelecimentos de beneficencia e os de instrucção, que reparou, fundou ou concluiu.

De um só monumento faremos particular menção, para satisfazer á epigraphe do artigo.

Premeditava D. Francisco Gomes aformosear com elegantes edificios a praça de Faro, onde construira de novo o excellente hospital da Misericordia. Mallogrou a morte a execução do plano. Antes, porém, que se realisasse, fez alli erigir o esbelto arco de cantaria, que representa a estampa; e foi a ultima obra em que metteu a mão.

É composto este arco de duas columnas de ordem jonica, e cimalha corrida, em que assenta o nicho, dentro do qual se ergue a bella estatua de S. Thomaz de Aquino, de marmore branco, e oito palmos de altura, que mandou vir de Italia.

A estampa que illustra o artigo é cópia de um precioso desenho que obtivemos da amizade do sr. Basilio Cabral Teixeira de Queiroz Junior, que o fez sendo governador civil de Faro. F. A. Rodrigues de Gusmão.

1 *Chorographia, ou memoria economica, estatistica e topographica do reino do Algarve*, por João Baptista da Silva Lopes, pag. 140.

2 Idem, pag. 59.

3 Idem, pag. 53.

REIS D'ARMAS, ARAUTOS E PASSAVANTES

I

REIS D'ARMAS

A fundação da monarchia; o alargamento das primitivas fronteiras do reino; a expulsão dos moiros das terras de Portugal e Algarves; a salvação das liberdades patrias nos campos de Aljubarrota; os arrojados commettimentos que levaram as quinas portuguezas a devassar tantos mares ignotos, e a tremular victoriosas na Africa, na Asia, na Oceania e na America; a restauração da nossa independencia ao cabo de sessenta annos de captiveiro; todos estes, e outros feitos, que fizeram poderoso e respeitado este reino, que em tão humilde berço nascêra, foram devidos, em grande parte, ao esforço dos nobres, que, movidos de um impulso verdadeiramente heroico, punham ao serviço da patria e do rei a sua intelligencia, o seu braço e os seus bens.

Os nossos monarchas foram, e não podiam deixar de ser, agradecidos a quem d'est'arte lhes abrilhantava a coroa e exalçava o throno. E não se limitaram a dar publicos testimunhos da sua gratidão, galardoando devidamente tão distinctos servidores. Pozeram todo o seu cuidado e empenho na conservação da nobreza, como fonte de que manavam tantos beneficios para a nação. Por estas razões se mostraram interessados nas allianças das familias nobres, não consentindo que se celebrassem sem approvação régia, e trataram por differentes modos da conservação dos appellidos d'essas familias, e dos seus titulos de nobreza e brazões d'armas.

A mais antiga providencia de que temos noticia, tomada com aquelle fim, foi a construcção da *gallilé*, no mosteiro de Pombeiro, na abobada da qual, que era de laçaria de pedra, fizeram esculpir, por sua ordem, todos os escudos d'armas da nobreza antiga de Portugal [1].

Foi, por conseguinte, de pedra o primeiro livro de armaria portugueza; e durante longo curso de annos alli se iam tirar as dúvidas que sobre o assumpto se suscitavam. O edificio, porém, era tão antigo, pois que a fundação do mosteiro datava do anno de 900, e a sua primeira reedificação do meiado do seculo XI, que a curiosissima fabrica da *gallilé*, apesar de ser construida posteriormente, achava-se em ruinas no seculo XVI, e hoje não restam d'ella vestigios, a não ser em memorias escriptas.

El-rei D. Fernando I, em signal do muito que apreciava os serviços da nobreza, mandou fazer para a sua capella um paramento mui rico de brocado, em que se viam bordadas a oiro e aljofares as armas dos fidalgos portuguezes.

Perdeu-se, infelizmente, esta preciosidade, juntamente com muitas outras que o terremoto de 1755 sepultou debaixo de ruinas.

Tambem por morte d'aquelle soberano se ia perdendo o trabalho que elle e os seus antecessores tiveram para se pôr em certa ordem, com regularidade e alguma luz, os variados assumptos que mais interessavam á nobreza.

Já referimos em outro volume d'este semanario como o fallecimento del-rei D. Fernando I lançou o nosso paiz em grandes discordias por causa da successão da coroa, dividindo-se os fidalgos em duas parcialidades: uma que se declarou em favor de D. Beatriz, filha do finado monarcha, e que se achava casada com D. João I, rei de Castella; a outra que, levantando voz pela independencia de Portugal, empunhou as armas sob a bandeira do mestre de Aviz, filho bastardo del-rei D. Pedro I. A causa nacional triumphou, no fim de encarniçada lucta, de todos os seus inimigos. O mestre de Aviz foi acclamado rei com o nome de D. João I, e, sendo um dos primeiros actos do seu governo premiar os que bem serviram a patria e castigar os que lhe foram traidores, elevou em honras a muitos fidalgos, permittindo o uso de brazão d'armas aos que o não tinham, e a outros condemnou, desnaturalisando-os e confiscando-lhes os bens.

1 O mosteiro de Pombeiro, da extincta ordem dos monges de S. Bento, está situado junto ás margens do rio Vizella, a cinco kilometros da cidade de Guimarães.

Resultou d'aqui uma grande confusão heraldica, pois que muitos dos fidalgos accrescentados nos fóros da nobreza, aos quaes el-rei permittia usarem de escudos d'armas, tomaram a seu bel prazer escudos e insignias que pertenciam a outros que se conservaram fieis, e, por conseguinte, no gozo das suas honras e prerogativas. E tambem mais de uma familia se apropriou e usou ao mesmo tempo as armas e divisas de outra familia desterrada em Castella.

Querendo el-rei D. João I pôr cobro a similhante desordem, e continuar no mesmo empenho com que os seus predecessores procuraram a conservação da nobreza e o augmento do seu lustre, resolveu introduzir no seu reino o officio de rei d'armas, que em Inglaterra dera muito bons resultados em caso identico, segundo lhe affirmavam sua esposa, a rainha D. Filippa de Lencastre, e seu sogro, João de Gand, duque de Lencastre, filho de Duarte III, rei de Inglaterra.

Assim foram creados entre nós os reis d'armas, encarregando-se-lhes a formação de livros em que estivessem inscriptos todos os fidalgos, e pintados os brazões e divisas pertencentes a cada um.

Pouco depois de empunhar o sceptro, decidiu el-rei D. Manuel reformar e melhorar a instituição, e para esse fim encarregou Antonio Rodrigues, seu rei d'armas, de ir ás principaes cortes da Europa estudar as obrigações e usos que observavam os officiaes da nobreza. E em quanto este enviado cumpria a sua missão, mandava el-rei examinar por todo o reino as sepulturas que tinham brazões, para se tirarem cópias d'elles com a maior exactidão. Colligidos estes desenhos, e depois do regresso de Antonio Rodrigues a Portugal, decretou el-rei novo regimento para os officiaes da armaria, e ordenou que se fizesse um livro, contendo todos os brazões da nobreza do reino illuminados.

Não se contentando com isto, construiu no paço de Cintra um vasto salão, no tecto do qual mandou pintar, em torno das armas reaes, e dos escudos do principe e infantes seus filhos, setenta e quatro brazões de familias nobres, que foram os que se poderam accommodar no tecto [1].

Pelo novo regimento foram assim classificados os officiaes da armaria: tres reis d'armas, tres arautos e tres passavantes; os reis d'armas denominados Portugal, Algarve e India; os arautos com os nomes das capitaes d'estes tres reinos, Lisboa, Sylves e Goa; e os passavantes chamados Santarem, Lagos e Cochim, que eram então as principaes villas ou mais importantes povoações dos mesmos reinos. Ficou, pois, pertencendo a cada reino um rei d'armas, um arauto e um passavante.

Incumbia aos reis d'armas, pelo regimento del-rei D. Manuel, ter cada um o seu livro do respectivo reino, para registo de todas as familias nobres, assento de casamentos e nascimentos, com os brazões e arvores genealogicas das mesmas familias; vigiar que os fidalgos não usem de escudos d'armas e de insignias que lhes não pertençam, para o que deviam os ditos officiaes visitar a sua provincia de dois em dois annos. Cumpria-lhes tambem tomar lembrança de todos os feitos d'armas em que os fidalgos se assignalassem, e bem assim dos torneios, reptos e desafios, com todas as circumstancias que n'elles se dessem. Cumpria-lhes mais estudar a sciencia heraldica ou do brazão; determinar os escudos d'armas, timbres e insignias que deviam usar as pessoas a quem el-rei concedia de novo essa honra; assignar e registar as cartas de taes concessões, e assistir aos monarchas nos actos solemnes e publicos, como na acclamação dos soberanos, na reunião das cortes, nas entradas solemnes das cidades, etc.

[1] Vid. a descripção d'esta sala a pag. 334 do vol. VII.

O referido regimento determinava as ceremonias da investidura dos officios de rei d'armas, arauto e passavante, ás quaes chamava *baptismo*, e se celebravam da seguinte maneira: Achando-se el-rei em uma sala de seus paços sentado debaixo do docel, e acompanhado das pessoas de sua corte, era introduzido na sala, e levado á sua presença por outro rei d'armas, o individuo que ia ser investido n'esse cargo, sem levar cota nem brazão. Ajoelhava logo este diante do monarcha, e, pondo a mão direita sobre o livro dos evangelhos, que lhe era apresentado pelo introductor, proferia o seguinte juramento: «Fulano, rei d'armas, juro a estes santos evangelhos, nas mãos de Fulano, rei d'armas, que bem, e verdadeiramente, darei do livro do meu regimento das armas aos nobres as armas que direitamente lhes pertencem, segundo a ordem e regimento que para elle me é dado por el-rei nosso senhor, que em tudo guardarei e cumprirei; e que por temor, nem por amor, nem por dadiva, nem por promettimento, nem por outro nenhum respeito, não farei n'isso coisa que não deva; e, finalmente, guardarei n'isso a justiça e direito da parte a que tocar. Juro assim mesmo, que quando for enviado com algum embaixador, que el-rei nosso senhor enviar, serei com todo o cuidado diligente a seu serviço, e fielmente farei, cumprirei tudo o que me for mandado, e com minha cota d'armas vestida entrarei onde quer que me for mandado por el-rei nosso senhor, ou por seus embaixadores. Juro de em todo cumprir e guardar o juramento que feito tenho, quando fui feito arauto, e todas as coisas, obrigações do dito juramento, e cada uma d'ellas cumprirei, e farei fiel e verdadeiramente, como no dito juramento é conteudo.»

Acabadas de proferir estas ultimas palavras, chegava-se ao pé do throno o copeiro-mór, e entregava a el-rei uma copa de prata doirada, com sua tampa, contendo agua; e junto d'elle vinha o veador com uma toalha. Tomando el-rei a copa, lançava ao novo rei d'armas, que ainda se conservava de joelhos, uma pouca de agua pela cabeça, ao mesmo tempo que lhe punha o nome de Portugal, ou Algarve, ou India, conforme o logar para que o destinava.

Feito isto, o principal senhor que estava na sala pegava da toalha que trazia o veador e offerecia-a ao soberano para limpar as mãos. Entretanto os arautos publicavam tres vezes, em altas vozes, o nome do novo rei d'armas, ao qual o copeiro-mór ia entregar, como prenda da parte del-rei, a copa de prata doirada que servira na ceremonia. O rei d'armas que lhe tomára o juramento vestia-lhe a cota e lançava-lhe então ao pescoço o collar com o escudo d'armas do respectivo reino. Em seguida beijavam todos a mão ao monarcha, e retiravam-se na mesma ordem em que entraram na sala.

Existem ao presente, e com os mesmos nomes, todos estes officiaes da armaria. Porém as suas funcções acham-se muito restrictas. Nas grandes solemnidades, taes como sessões reaes das cortes, casamento do soberano, etc., acompanham o monarcha, indo na frente do prestito com as suas insignias sobre as cotas, que são de seda vermelha com lavores tecidos a oiro, e do feitio de uma dalmatica. A insignia dos reis d'armas é o collar com o brazão do reino de que tem o nome.

Além da obrigação de comparecerem nos referidos actos publicos, ainda incumbe aos reis d'armas compor e designar os brazões que devem usar as pessoas a quem el-rei faz a graça de conceder essa honra. Segundo a naturalidade do agraciado, assim é o rei d'armas Portugal, ou Algarve, ou India, que se encarrega d'aquella tarefa, pelo que recebe boas propinas.

Quanto ás ceremonias da investidura ou baptisado pela mão do rei, ha muito que deixaram de se fazer.

(Continúa)

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 194)

XI

SANTO ANDRÉ

Maria Custodia morreu como uma santa; e, no dizer do velho cura, em vez de se rezar por ella, podia-se rezar a ella, para que intercedesse aos pés do Eterno pelos que deixava na terra.

— Como ha de ser isto agora, sr. padre Manuel?

— O quê, meu filho?

— A respeito de... da Maria Palmeiro e de mim.

— A cachopa vae para a companhia de minha irmã, até vermos.

— Porém...

— Porém o quê, rapaz?

— Eu dava-lhe esta casa e mudava-me para a companhia do tio Joaquim Paranhos...

— Isso é bonito da tua parte... mas não póde ser. O melhor é como eu digo.

— E quando poderá casar-nos?

— Homem! tu tens perguntas... Ainda alli está o corpo de tua santa mãe!... Depois veremos. Eu tambem tenho interesse n'isso. Anda d'ahi, Maria.

Os dois orphãos abraçaram-se na presença do velho cura e separaram-se suffocados em chôro.

Um dos lavradores mais ricos da terra solicitou a cachopa para criada, e, apesar da má vontade de Pedro, ella acceitou, e foi para casa d'elle tres dias depois do enterro da madrinha.

Pedro resolveu-se a seguir a profissão de pescador, como seu pae, mas antes de tornar ao mar quiz que o padre Manuel lhe dissesse uma missa por alma de todos os que Deus lhe tinha levado tão cedo. Exigiu, porém, que a missa fosse rezada na capella de Santo André, situada n'um areial ao norte de Avelomar, porque sua mãe fôra mui devota d'aquelle santo. Não era este o unico motivo que determinára a escolha do moço; mas serviu-lhe para encobrir outro que lhe era egualmente caro. A distancia da aldeia á ermida é de dois ou tres kilometros; e, como Maria tambem devia ir, passariam mais um dia quasi na companhia um do outro.

A capella de Santo André fica, como já se disse, n'um areial, e dista do mar coisa de um tiro de espingarda.

O sitio é encantador: do lado de oeste vastissimos campos verdejantes; ao norte copados arvoredos e sebes floridas; a léste o Oceano; e ao sul as casinhas brancas de Avelomar.

Todos os annos se faz uma romaria muito devota a Santo André, com festas que duram tres dias. Alli se tratam muitos casamentos, e se começam n'um anno amores que no anno seguinte se desatam em fructos.

Pedro e Maria tinham lá ido no ultimo verão, e no meio dos outros conversadores apaixonados haviam feito pela primeira vez o juramento de se casarem. A morte cobria-os, porém, de lucto antes que tivessem tido tempo de satisfazer os seus votos.

Os dois amantes, pensando nas suas tão recentes desgraças, caminhavam com o padre Manuel, embebidos em doce melancolia. Ao aproximarem-se dos sitios onde havia poucos mezes se tinham revelado mutuamente os seus castos sentimentos, sentiam como que expandir-se-lhes as almas. Não fallavam, mas os seus olhos diziam tudo quanto lhes ia por dentro. O padre seguia-os tambem silencioso, contemplando-os, e reflectindo nas vicissitudes humanas, que tão cedo os deixaram ao desamparo.

Chegados todos ao pé da capella, Pedro tomou a mão ao velho e disse-lhe com firmeza:

— É necessario que me diga quando poderemos casar.

— Rapaz, tu és teimoso como a fortuna! Eu já te disse que é preciso esperar que passe o tempo...

— Perdoe, sr. padre Manuel. Para eu ter animo de esperar devo saber até quando. Se m'o não diz, não sei o que será de mim. Decididamente, eu nasci para viver por esta moça ou para morrer por ella. Não quero que Maria vá servir... por muito tempo. Senão, atiro commigo ao mar e acaba-se tudo por uma vez.

— Valha-me Deus! que impaciencia!... E tu, cachopa?

— Eu... como o sr. padre quizer.

— Sim? Assim é que é, filha!... mas tambem se te não dava que o casamento fosse breve? Ora, pois, deixem-me pensar um bocado.

E o bom do padre poz-se a olhar para um vallado de roseiras que estavam na sua frente a uns dez ou doze passos.

— O diacho são os namorados! resmungava elle por entre dentes. Case-me, case-me! Isso é o que eu quero, mas é preciso que passe o anno do lucto. E o rapaz é capaz de... não; lá isso não! Porém não ha que fiar. Aquella roseira está bonita!... Ora espera... Boa lembrança! Vamos a ganhar tempo.

Tirou uma navalhinha do bolso, foi-se ao vallado e cortou duas estaquinhas de roseira; voltou com ellas para o pé da ermida e disse aos namorados, dando-lhes os dois ramos:

— Plantem-me ahi cada um sua roseira ao pé da capella de Santo André! Quando ellas deitarem rosas caso-os logo.

— Mas isso é um logro, gritou o rapaz. Ellas não pegam agora porque já estamos no começo da primavera.

— Pegam perfeitamente.

— Mas, se pegarem, já não dão flor este anno.

— É preciso um anno de lucto, tornou o padre; porém, se ellas florirem antes... veremos.

Maria pegou na sua haste de roseira e começou com a mão a fazer uma cova na areia. Pedro, meio colerico, meio a rir de escarneo, revirava entre os dedos a sua, sem se resolver a plantal-a.

— Faze o que eu disse, Pedro. Olha, a cachopa parece que tem mais vontade de casar do que tu. Que grande cova que ella já fez!

Maria tinha, com effeito, aberto um grande buraco na areia e dispunha-se a enterrar o tronquinho, quando Pedro a impediu, zombando:

— Outro logro ainda! Como ha de pegar isto plantado na areia? Pois deixe estar, que assim Deus me ajude em como lhe hei de fazer florir estas roseiras!

Dizendo isto, o moço correu ao vallado proximo, encheu o chapeo de excellente terra preta e veiu deital-a na cova feita pela sua amada. Tornou tantas vezes quantas foram necessarias para encher a cova; depois enterrou no meio as estacas da roseira e regou-as com agua que foi buscar n'uma infusa a um regato proximo.

O padre, que tinha visto todos estes cuidados e precauções, dizia lá comsigo:

— Não é tão tapado como eu o julgava ao tempo em que lhe ensinava a ler. Oh! mocidade, mocidade! Lá para estes negocios de amores todos são espertissimos!

Depois accrescentou, olhando para as estaquinhas, que estavam muito viçosas no seu canteirinho de terra fresca e ainda a escorrerem da rega:

— E o caso é que ellas estão com cara de quem quer pegar! Tambem o que me faltava agora era ter dado corda para me enforcar! Nada! estamos em março... já não pegam. E se pegassem e dessem rosas

até junho? Impossivel! Mas se acontecesse? Então... então... então era Santo André que se pronunciava, e não havia remedio senão casar os rapazes d'aqui a tres mezes.

Pedro e Maria tinham entrado já na capella, e oravam fervorosamente a Santo André, pedindo-lhe que intercedesse perante Deus pelas almas dos paes de ambos, e que fizesse pegar e florir as roseiras que acabavam de plantar sob a sua protecção.

O padre seguiu-os, e, adivinhando o que elles estavam pedindo, teve vontade de dizer ao santo que não fizesse tal; mas, como detestava as intrigas, calou-se, contentando-se apenas com murmurar, ao entrar na sacristia para se vestir:

— Faça Santo André o que quizer. Se as roseiras pegarem e florirem antes de um anno, é por conta d'elle, e não por minha.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

NORUEGA

ROCHEDO DE TORGHATTEN

A gravura que acompanha este artigo representa a famosa gruta formada pelo rochedo, ou, exprimindo-nos com mais propriedade, pela rocha de Torghatten, de que fallámos a pag. 181, por occasião de mostrarmos em estampa o aspecto exterior da mesma rocha e da ilha em que se levanta.

Apresenta esta admiravel gruta uma perspectiva muito similhante a um tunnel de caminho de ferro, porém fabricado com tão gigantescas proporções, como não se encontra egual, certamente, em paiz algum. As duas figuras humanas, que a gravura mal deixa distinguir na extremidade da gruta, junto de um dos arcos que lhe dão entrada, servindo de ponto



Gruta formada pelo rochedo de Torghatten

de comparação para se poder avaliar a altura e largura da mesma gruta, abonam, sem dúvida, o que acabâmos de dizer. Porém as seguintes medidas darão uma idéa mais cabal da sua vastidão.

Atravessa esta gruta, de um a outro lado, todo o interior da rocha, de modo que lhe dão ingresso duas enormes aberturas praticadas nas extremidades, em tão perfeita correspondencia uma da outra, como o estão em um oculo os vidros dos seus dois extremos. As duas aberturas, a que chamaremos arcos pela perfeita similhança com os que a arte fabrica, tem o seu limiar em uma elevação de 123 metros acima da superficie do mar. Tem de altura estes arcos, até ao ponto mais subido, um 71 metros e outro 40. A sua largura é de 25 a 30 metros. Mede 240 metros o comprimento da galeria. A largura d'esta varía no interior entre 32 e 48 metros. A sua altura apresenta quasi as mesmas differenças que se observam nos arcos da entrada.

A inclinação da abobada, desde o arco mais elevado até ao mais baixo, seria muito suave e regular se no centro da galeria não descesse um pouco abaixo d'aquella linha. Mas, pondo de parte este defeito, tanto a abobada como as paredes estão affeiçoadas de maneira que se podem tomar á primeira vista por obra dos homens.

O pavimento da galeria é todo coberto de uma espessa camada de areia mui fina, em direcção quasi horisontal, e tão limpa de pedras ou escabrosidades da rocha, que poderia transitar por alli uma carruagem com facilidade.

A muita altura e largura dos referidos arcos e de toda esta gruta permittem que entre n'ella abundantemente a luz do dia.

Dizem os viajantes que tem visitado esta curiosidade natural, que é um espectaculo de incomparavel formosura ver através d'aquelle telescopio gigantesco as serras do continente scandinavo, mostrando ao longe as suas cristas recortadas, e a alvejar com o manto de neve que perennemente as cobre; e mais perto, fazendo primeiro plano ao quadro, as negras rochas da visinha costa, os escolhos e as ilhas, em que as vagas se quebram umas após outras, deixando-lhes por coroa ou orla alvissimas escumas. Au-

gmenta em belleza este panorama quando o sol vem doirar com seus raios a paizagem.

Em certa epocha do anno, o sol nascente, e tambem no seu occaso, penetra por esta galeria de uma a outra extremidade, enchendo-a de luz, e fazendo scintillar algumas estalactites que pendem da abobada.

I. DE VILHENA BARBOSA.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

(Vid. pag. 199)

Por toda a cidade de Macau se acha a população chineza disseminada promiscuamente com a européa; mas onde a achâmos isolada e compacta é no *bazar*, bairro exclusivamente habitado por ella, intrincado labyrintho de viellas e becos, onde o europeu necessariamente se perde e não acha meio de orientar-se, se não tiver tido o cuidado de fazer-se acompanhar por um guia. Sem essa precaução, quando quizer sair do bazar e perguntar as indicações do caminho, ninguem o entende, porque os chinas que alli habitam não sabem o portuguez. Da primeira vez que me aventurei por aquellas ruas compridas e similhantes todas umas ás outras, andei mais de uma hora sem atinar com o meio de sair d'alli, até que providencialmente se me deparou um soldado da policia, que me serviu de pratico.

E já que, por incidente, te fallei na policia de Macau, não quero deixar de dizer-te que este corpo, composto de soldados europeus e de chins, se acha n'um excellente estado de organisação e presta magnifico serviço á segurança publica. É bonito e bastante commodo o uniforme de que usa a policia durante a estação quente: casaco e calças de um tecido branco muito leve, botas de cotim da mesma côr, e na cabeça um capacete tambem branco, de extrema leveza e munido de ventiladores.

É Macau a colonia nossa onde tenho visto as indicações hygienicas melhor attendidas no tocante a uniformes militares. Os officiaes do batalhão usam de uns casacos largos e sem cintura, de gola voltada, de verão de um tecido leve, e durante o inverno de panno azul ferrete, com a banda a tiracollo. Só de grande uniforme são obrigados a trazerem os casacos abotoados e charlateiras, ao uso da Europa. Seria para desejar que este systema de uniformes se estendesse tambem aos soldados, dispensando-os de andarem na estação calmosa com gravatas e com as fardetas abotoadas.

Deixo já esta pequena digressão, em que accidentalmente me metti, e volto a fallar-te do bazar. É alli que nos achâmos em plena China. Aspecto sombrio das ruas estreitas, orladas de predios altos de construcção chineza; boticas em quasi todos os baixos das casas; taboleiros com bolos da conservaria nacional; chinas aos bandos, sendo n'alguns pontos difficil o transito e pouca a segurança das algibeiras; por toda a parte a pouco euphonica lingua dos filhos do celeste imperio; ahi tens o bazar.

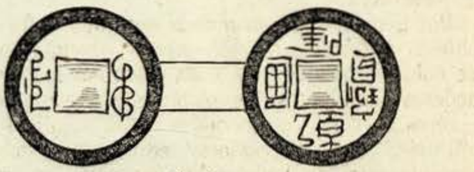
Além de poucas outras, as boticas d'aquelle bairro quasi se resumem em tres generos, que alternam em collocação: a casa de comida *(cullão)*, a do jogo *(latane)* e a de emprestimos sobre penhores *(hão)*. Denuncía isto a indole viciosa d'aquelle povo, que é um mixto incomprehensivel de qualidades contradictorias: laborioso e activo, e ao mesmo tempo com uma tendencia pronunciada para todo o genero de vicio; submisso e docil, sem deixar de ser desconfiado e vingativo.

A casa de *latane* é de ordinario uma casa espaçosa, tendo no centro uma mesa forrada de baeta. Para dentro da grade a que se encosta a cabeceira da mesa, e que separa uma secção da casa, vedando-a ao ingresso do publico, senta-se o banqueiro. Os jogadores agrupam-se em volta da mesa. Os que querem guardar o incognito, e taes são sempre os europeus que alli concorrem, tomam logar n'uma galeria lançada em torno da sala, e proxima do tecto, d'onde vêem o que se passa na mesa sem serem reconhecidos de baixo, porque a illuminação está disposta de modo que o alto da casa fica abrigado n'uma obscuridade protectora. Um empregado da casa lhes serve de interprete, e, n'um cesto suspenso por um cordão, dá para baixo o dinheiro, e diz verbalmente ao banqueiro o sentido da aposta de cada um dos jogadores de cima.

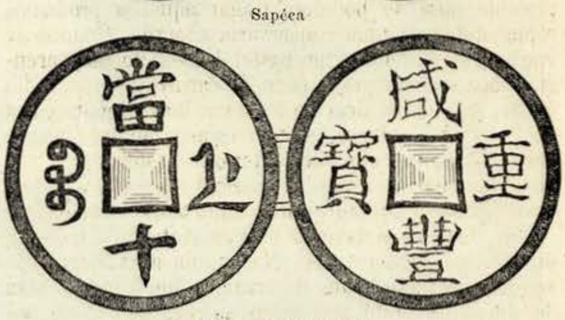
Depois de te fazer conhecer a disposição da casa, vou explicar-te o mecanismo do *latane*. O banqueiro separa de um avultado montão de sapécas um monte mais pequeno, de que, pela simples vista, se não póde calcular, nem aproximadamente, o numero. Abro aqui um parenthesis para te dizer o que são sapécas.

São pequenas moedas chinezas de cobre, do tamanho, pouco mais ou menos, das nossas moedas de 3 réis, com caracteres chinezes em relevo, e no centro um furo quadrado. Usam-se em enfiadas de cincoenta, cem ou mais. Tem, aproximadamente, o valor de um real nosso, valor que varía para mais ou para menos, segundo a abundancia que d'ellas ha no mercado. Ha tambem umas outras moedas de cobre valendo 10 sapécas, mas não são muito vulgares em Macau.

De ambas verás a cópia fiel nos desenhos que acompanham esta carta.



Sapéca



Moeda de dez sapécas

São estas as duas unicas moedas da China; mas tem alli curso as moedas de oiro e prata de todas as nações, pelo valor do peso, bem como o oiro e prata em barra. No commercio chinez, quando ha que dar uma demasia equivalente a uma fracção de pataca (especie a que alli se usa referir todos os valores), e não ha moeda que valha exactamente isso, corta-se de qualquer outra um fragmento do peso necessario, e dá-se embrulhada n'um papel com a indicação do valor escripta exteriormente.

No *latane*, logo que o banqueiro separa o monte menor de sapécas, formulam os jogadores as suas apostas, que podem ser pelos numeros um, dois, tres ou quatro. Depois de feitas as apostas e de recolhido o dinheiro que cada um aventura, começa o banqueiro a separar as sapécas do monte por grupos de quatro, servindo-se para isso de um ponteiro que applica ao furo central d'ellas. Corrido assim todo o monte, se fica de resto uma sapéca, ganha quem apostou pelo numero um; do mesmo modo para o resto de dois ou de tres, ganhando quem apostou pelo numero quatro se as sapécas se dividiram exactamente nos grupos de quatro. Quem ganha recebe o dinheiro que depositou e uma quantia egual de lucro. Isto é o jogo na

sua mais nua simplicidade. Ha ás vezes n'elle modificações e convenções especiaes. Dizem, mas não t'o affianço, que se usam alli, como em todos os jogos de azar, meios subrepticios e dolosos.

N'este jogo se consomem fortunas avultadas, e por elle se tem reduzido á miseria muitos chinas endinheirados. São numerosas em Macau as casas de *latane* publicas e auctorisadas, e todas prosperam, não obstante acharem-se sobrecarregadas com pesados tributos. No anno em que alli estive tinha sido arrematada a cobrança d'estes por 90:000 patacas, o valor de 76:500$000 réis. Avalia por esta cifra a importancia e a extensão do *latane*.

Nas iguarias chinas que se vêem pelas casas de comida, em que abunda o bazar, destinadas a acompanharem o arroz, base da alimentação dos chins, como de todos os povos do Oriente, predominam a carne de porco e os mariscos. Mas os mais delicados e exquisitos manjares da sua cozinha fazem-n'os os chinas de varios bichos. Entre elles é de grande valia e apreço a carne do rato. Todo o lauto jantar chinez termina pela celebre sopa de ninho de passaro, substancia de grande estimação e bastante cara. Os vinhos são extrahidos de fructos e outras substancias vegetaes; até os ha de rosas e de arroz. São geralmente fortes e de um sabor desagradavel. Usam-se quentes, e servem-se em bules, como o chá. Ha um muito apreciado, e conhecido pelo nome de vinho-fogo. Não tive occasião de o observar.

Um genero que tem grande consumo entre o povo chinez, e que não só está exposto á venda nas casas de comida, mas se vê a cada passo nas mãos de vendedores ambulantes, são os bolos. Apresentam fórmas e côres variadas, como que a tentar a gulodice, mas affirmo-te que é necessario ter o paladar muito depravado para se poderem tragar aquelles productos repugnantes de uma conservaria absurda. Quando se vae a metter dente n'um pastel de seductora apparencia, topa-se com um bocado de carne de porco muito gorda, que deixa ficar na boca um impertinente gosto de cebo. No entanto, é com estas gulodices que a classe baixa dos christãos deteriora o estomago, e são ellas tambem a causa das doenças dos orgãos digestivos, que em subido grau lavram entre os soldados.

Um costume notavel e de bem entendida commodidade, que observei em Macau, foi a existencia de vendedores ambulantes de comida, que a toda a hora do dia e da noite percorrem as ruas da cidade, tocando uma matraca, ou entoando um pregão em lingua china. E nem só fornecem a comida, mas mesa, banco, luz e talher. São portadores de uma verdadeira casa de pasto. O china que recolhe do jogo, e ouve na rua o som da matraca ou o pregão respectivo, chama o vendilhão, que promptamente arma a mesa e o banco que serve de assento, e colloca sobre aquella a comida, o talher e a lanterna. O consumidor come, paga o ajustado numero de sapécas e retira-se em paz; o homem da matraca desarma o improvisado *restaurant* e continúa a sua peregrinação. O talher dos chins, como de certo sabes, consiste em dois pausinhos delgados e cylindricos, com que elles apprehendem e levam á boca os alimentos.

Nem só nas ruas de Macau se vêem estes fornecedores ambulantes de comida. No porto interior toda a noite se ouve o pregão dos que, em *tancás* (pequenas embarcações de que adiante hei de fallar-te), fornecem manjares á população fluctuante, que é numerosa, e vive disseminada por muitas lorchas e outras embarcações de menor capacidade que povoam o porto.

Concluindo o que queria dizer-te do bazar, dir-te-hei que elle á noite offerece uma apparencia ainda mais caracteristicamente chineza do que durante o dia. Deve-se á illuminação por balões e lanternas de côres, que abrilhanta as entradas das differentes boticas.

Já que te fallei do *latane*, jogo em que os chinas passam grande parte do seu tempo, dir-te-hei agora que impressões trouxe do theatro chinez, vulgarmente chamado *auto-china*, por terem nome de auto as peças que alli sobem á scena.

Geralmente, as companhias dramaticas e lyricas na China são ambulantes, vagando de cidade em cidade, e trazendo comsigo theatro, que assentam e armam no sitio em que tem de funccionar. São taes theatros formados por grossos bambús, solidamente unidos entre si; e em poucas horas consegue a industria d'aquelles homens armal-os, pondo-os promptos a sustentarem o peso de muitas centenas de individuos. Em Macau ha annos que se não vêem d'estes theatros de bambú, porque um negociante d'alli construiu á sua custa, e com a fórma dos europeus, um theatro, que aluga ás companhias que vão trabalhar na cidade.

Quando alli estive, a companhia que funccionava era lyrica, e, como todas, composta exclusivamente de homens, porque as mulheres não são admittidas a representar, nem mesmo as de certa ordem mais elevada alli vão como espectadoras. Eram todas as vozes sopranos, e de um timbre extremamente desagradavel. Não ha mutações de scena; o mesmo scenario serve para todos os logares e para todas as epochas. Sómente um distico em caracteres chinezes indica o logar e a epocha da scena.

Da unica vez que entrei no auto-china foi em noite para que se annunciava grande funcção de saltos e de jogos malabares. Entrei para lá ás oito horas, e, decorridos que foram vinte minutos, já não sabia dos ouvidos, atormentados pela infernal aspereza das vozes e dos instrumentos. Não pude aturar por mais tempo aquelle martyrio lyrico, e saí, reservando-me para voltar á meia-noite, hora a que me diziam deverem ser enxertados na opera os saltos e jogos. Tornei, effectivamente, a entrar a essa hora, e vi e admirei então provas admiraveis de destreza, que aqui te não enumero porque has de ter visto algumas d'ellas reproduzidas pelos chins que estiveram no circo de Price.

É notavelmente grande a concurrencia dos chinas aos espectaculos do seu theatro; e é bonito ver aquella multidão enorme e compacta, composta toda ella de figuras por extremo simílhantes entre si, quasi eguaes, com os gorros escuros na cabeça e os rabichos pendentes pelo dorso das cabaias. A platéa e os camarotes estão sempre a trasbordar de espectadores. Pelas coxias da platéa andam, mesmo durante o espectaculo, os vendedores de doces, com o seu taboleiro e lanterna, explorando a gulodice do publico.

É necessario haver grande cuidado com o relogio e com a bolsa quando se assiste a um espectaculo no auto-china, e em geral sempre que nos achâmos no meio de um grande concurso de chins. Conta-se que a um espectador europeu, embebido nas bellezas lyricas e dramaticas do auto, furtaram do nariz os oculos, sem que elle podesse attentar em quem fosse o auctor do roubo.

Desculpa a má ordem e o desalinho com que te vou dando conta das minhas impressões. Logo no principio te preveni do que seriam estas cartas: conversações familiares com um amigo, e mais nada. Proximamente continuarei a fallar-te de Macau. João de Lacerda.

Parece-me que estou ouvindo o ruido dos carros, dos penhascos, dos madeiros, e a contínua bateria dos instrumentos dos officiaes e trabalhadores, uns desbastando, outros lavrando, outros fabricando, e levantando as machinas para sustentar os arcos e guindar a pedraria já lavrada; e o auctor e superintendente da obra no mesmo tempo dividido em tantas partes com o cuidado e os olhos nas mãos de todos.

P. Antonio Vieira.

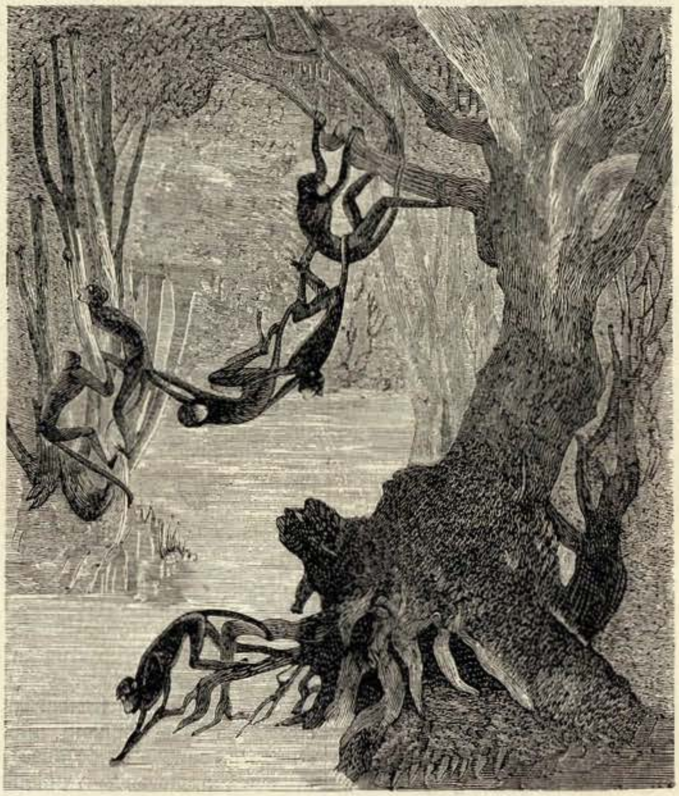
OS MACACOS ATÉLES DO BRASIL

As florestas do Brasil são povoadas de uma infinidade de macácos de todos os tamanhos, e de fórma e côres variadissimas. Constituem, por conseguinte, muitos e differentes generos, cada um dos quaes se compõe de maior ou menor numero de especies.

Entre aquelles generos, pois, ha um a que os naturalistas pozeram o nome de *atéles*, descrevendo-o como um dos mais notaveis da immensa classe dos quadrumanos. Consta de varias especies, que a sciencia designa com os nomes de *atéles paniscus*, *atéles belzebuth*, *atéles hybridus*, *atéles subpendactylus*, etc., e ás quaes os brasileiros chamam *coïtá*, *belzebuth*, *marimonda*, *chourá*, *mono zambo*, etc.

Variam os atéles no tamanho, sendo algumas especies grandes, e outras tão pequenas, que apenas contam uns 35 centimetros de comprimento desde o focinho até á origem da cauda. Mas no que todos se assimilham, e serve de distinctivo ao genero, é em lhes faltar nas mãos o dedo pollegar, em ter o corpo e membros mui delgados, os braços e a cauda excessivamente compridos, e a cabeça pequena em relação ao corpo. A côr do pello é cinzenta, ou parda, ou negra, mais carregada sobre o lombo, mais clara no ventre, até se apresentar quasi branca em algumas especies. São timidos, pelo que fogem apressadamente ao menor bulicio. A sua indole é boa: alegre no estado de liberdade, mas quasi sempre melancolica no estado de escravidão, sem que por isso deixe de se domesticar facilmente.

Habitam na America meridional, na Guyana, no Pa-



Macacos atéles passando um rio no Brasil

raguay e no Brasil. Vivem em sociedade, divagando nos bosques em bandos de doze a quinze individuos. Alimentam-se de insectos, molluscos e peixes pequenos, razão porque preferem as margens dos rios assombradas de arvoredos.

Os viajantes que os tem visto e examinado de perto n'esses logares da sua predilecção são unanimes em encarecer a viveza d'estes animaes, a sua extraordinaria agilidade, e sobre tudo o seu instincto, que é tal, que parece ás vezes tocar as raias da razão. Dizem que é coisa engraçada observal-os na pesca, ora pendurados de um ramo que está quasi a beijar a corrente, ora estendidos sobre a raiz de arvore annosa, que se debruça de um combro sobre o rio até se mergulhar nas aguas. D'alli espreitam attentamente as incautas victimas, e com extrema destreza apanham as que tem a infelicidade de passar proximo. Não é menos curioso vêl-os na caça dos insectos, trepando ás arvores com incrivel rapidez, e saltando de tronco em tronco e de arvore em arvore com pasmosa ligeireza.

Porém o que n'elles é mais admiravel é o modo por que atravessam os rios sem tocarem na agua. Trepados a alguma das arvores da margem do rio, vão-se enlaçando uns nos outros, por meio das mãos e da cauda, de sorte que formam uma perfeita cadeia viva. Feito isto, e pendurados de um tronco sufficientemente grosso para sustentar o seu peso, e em altura conveniente acima da superficie do rio, para que não corram perigo de se mergulharem n'elle os que vão em derradeiro logar, começam a baloiçarem-se, augmentando pouco a pouco o impulso, até que o que fórma o ultimo annel da cadeia consiga lançar a mão a um tronco de alguma das arvores da margem fronteira. Estabelecida assim a ponte, opera-se lentamente a passagem, a qual se conclue despegando-se da arvore que servira de ponto de suspensão o atéles que fizera de primeiro elo da cadeia.

É esta scena pittoresca e singularissima que dá assumpto á gravura de que acompanhâmos este artigo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31